

Relatório #43 – Retrospectiva da Bolsa: da vacina à alta da Selic

22 de dezembro de 2021

Olá, investidor!

Como vai?

Sumário

No relatório de hoje, falarei sobre o desempenho do mercado brasileiro de ações em 2021, comentando os principais eventos do ano. Abordarei as ações que mais se valorizaram nesse período e também as que mais sangraram, comparando ainda a expectativa para a Bolsa no início do ano com a realidade observada.

Boa leitura!

Um ano atípico

É evidente que 2021 foi um ano atípico para o mercado de capitais brasileiros. Uma série de fatores imprevisíveis, e outros nem tanto, colaboraram para que tivéssemos um desfecho que decepcionou a maioria dos investidores.

Durante o primeiro semestre do ano, a visão para a Bolsa brasileira era majoritariamente otimista, dado o avanço da vacinação no país e a gradual reabertura da economia.

Diante desse cenário, analistas e gestores começaram a projetar uma forte alta do Ibovespa, o principal índice de ações da Bolsa, para o segundo semestre de 2022. Algumas casas chegaram a sugerir que o índice poderia superar a marca dos 150 mil pontos no final do ano. Mas não foi o que aconteceu.

O implacável cenário político brasileiro deu as caras novamente, trazendo instabilidade e insegurança para os mercados. Além disso, a delicada situação fiscal do país, antes mascarada pelos bons resultados primários do Governo Central (por conta da alta da inflação), foi se tornando cada vez mais evidente.

As quedas nos preços das commodities metálicas no exterior e a crise hídrica também prejudicaram o desempenho da economia brasileira, bem como problemas internos enfrentados pelo nosso maior parceiro comercial, a China.

Por fim, a inflação não seguiu o comportamento previsto pelo Banco Central (BC) no início da pandemia, e superou em muito a meta para 2021, demandando uma resposta das autoridades monetárias na forma da alta de juros.

Porém, assim como nem tudo eram flores quando se estimava que o Ibovespa poderia chegar aos 150 mil pontos, nem tudo são espinhos neste momento em que o índice luta para retornar ao patamar de um ano atrás.

Os resultados corporativos da maioria das empresas foram positivos neste ano, e alguns dos assuntos que trouxeram turbulência para a Bolsa nos últimos meses parecem estar chegando aos seus respectivos desfechos, com destaque para a polêmica PEC dos Precatórios.

Além disso, a perspectiva de normalização das cadeias produtivas globais, do recuo da inflação e da continuidade dos bons resultados das empresas brasileiras constrói um cenário de oportunidades aos investidores mais atentos em 2022, apesar dos solavancos acarretados pelas eleições.

O Ibovespa na primeira metade de 2021

No final de 2020, o Ibovespa vinha em alta, impulsionado pelo otimismo com a vacina. Em novembro, o índice saiu dos 93 mil pontos e chegou aos 108 mil, um salto de 15,9% no período. Em dezembro, os investidores mantiveram o tom positivo, e o índice encerrou o mês aos 119 mil pontos, uma alta de 9,3% em comparação com o fechamento de novembro.

Em janeiro e fevereiro deste ano, entretanto, o índice passou por correções, recuando 3,32% e 4,37%, respectivamente, para então recuperar o fôlego e buscar o recorde histórico de 131 mil pontos em junho.

Dentre os motivos para a disparada do índice observada entre março e junho, merece destaque a alta das commodities, especialmente do minério de ferro e do petróleo, favorecendo duas empresas que têm um peso gigantesco no Ibovespa: Vale (VALE3) e Petrobras (PETR4).

Vale, Petrobras e a explosão das commodities

Para se ter uma ideia da importância dessas companhias para o desempenho do índice, de acordo com dados do site da B3 de 17 de dezembro, a Vale respondia por 13,3% da composição da carteira teórica do Ibovespa, enquanto a Petrobras representava 11,9%. Juntas, as ações dessas empresas respondem por cerca de 25,2% do total.

Entre 1º de março e 30 de junho, os papéis da Vale acumularam alta de 19,82%, enquanto as ações preferenciais da Petrobras subiram incríveis 32,33%, e as ordinárias acumularam ganhos de 36,75%. Tendo noção do peso dessas empresas dentro do índice e do quão expressiva foi a alta desses ativos nesse intervalo, conseguimos entender o primeiro fator que impulsionou o Ibovespa em direção aos 131 mil pontos.

A importância dos bancos

Outro segmento com peso expressivo no índice é o dos grandes bancos, ou seja, Banco do Brasil (BBAS3), Bradesco (BBDC4), Itaú (ITUB4) e Santander (SANB11). Somados, esses quatro bancos representam cerca de 13,7% do Ibovespa, ainda de acordo com dados de 17 de dezembro.

Entre 1º de março e 7 de junho, quando o Ibovespa bateu os 131 mil pontos pela primeira vez, as ações preferenciais do Bradesco acumularam alta de 36,23%, enquanto as do Itaú da mesma classe subiram 30,3%. Os papéis do Banco do Brasil tiveram valorização de 30,2% nesse intervalo, e as *units* do Santander subiram 22,55%.

Durante o primeiro semestre do ano, essas empresas foram beneficiadas pelo início da alta da taxa Selic, permitindo um aumento do *spread* bancário, e pela perspectiva de crescimento da demanda por crédito em meio à reabertura econômica.

Sem vacas magras para o agronegócio

Outro setor relevante dentro do Ibovespa, e para a economia brasileira como um todo, é o agronegócio. O destaque positivo do setor em 2021 foi o segmento de proteína animal, representado na Bolsa por BRF (BRFS3), Marfrig (MRFG3), Minerva Foods (BEEF3) e JBS (JBSS3).

Essas empresas se beneficiaram do aumento da demanda internacional por carne, especialmente nos Estados Unidos e na China, que, nos últimos anos, vêm sofrendo com crises da doença conhecida como peste suína africana, forçando os países a aumentarem as importações de carne.

Entre 1º de março e 7 de junho, as ações da BRF subiram 31,75%, acompanhadas pelos papéis da Marfrig, que acumularam valorização de 31,65%. As ações da JBS subiram 19,05% nesse intervalo, enquanto a Minerva teve alta mais discreta, de 3,61%.

A ressaca após o recorde

No final de junho, o Ibovespa já dava sinais de desaceleração, pouco depois da quebra dos recordes, o que fez com que o índice fechasse o mês com alta tímida de 0,46%.

Naquele momento, as projeções para a economia brasileira começaram a se deteriorar, e a discussão acerca da necessidade de elevação da taxa Selic ganhou força diante da alta persistente da inflação.

Após perder fôlego no final de junho, o Ibovespa entrou em uma sequência de quedas que perduraria nos próximos cinco meses, motivada por uma piora agressiva das projeções para a economia brasileira.

Com o aparente abandono da agenda de reformas pelo governo federal e as discussões acerca da implementação do programa social Auxílio Brasil, substituto do Bolsa Família, com valor médio do benefício de R\$ 400, os investidores trocaram a euforia pela cautela.

PEC dos Precatórios

Com o “meteoro dos precatórios” – como o ministro da Economia, Paulo Guedes, se referiu à obrigação do governo de pagar R\$ 90 bilhões em dívidas judiciais em 2022 - e sob o pretexto de viabilizar o novo programa social, o governo encaminhou ao Congresso, no começo de agosto, a PEC dos Precatórios. A proposta previa o parcelamento, em até 10 vezes, das dívidas de valor superior a R\$ 66 milhões.

A PEC não foi bem recebida pelo mercado, que entendeu se tratar de uma alternativa encontrada pelo governo para se esquivar de suas obrigações financeiras sem tecnicamente furar o teto de gastos e destravar recursos para serem utilizados no ano eleitoral.

Ainda assim, a proposta, no formato original, não causou pânico nos mercados, apenas fez com que os investidores adotassem uma postura mais cautelosa. Todavia, a inclusão de um trecho que previa mudanças na regra de cálculo do teto de gastos, a principal âncora fiscal do país, visando abrir espaço no Orçamento de 2022 foi o suficiente para que a Bolsa começasse a derreter.

Varejo em queda livre

Diante da piora das projeções para 2022 e com a perspectiva de que a taxa Selic deve retornar aos dois dígitos no próximo ano, um dos setores mais penalizados foi o varejo, especialmente o eletrônico.

Via (VIA3) e Magazine Luiza (MGLU3), duas varejistas tradicionais que entraram no e-commerce para disputar com gigantes como o argentino Mercado Livre e a americana Amazon, acumularam fortes perdas neste ano.

A Via assistiu seu valor de mercado derreter 64,91% entre janeiro e novembro, enquanto o Magalu sofreu uma desvalorização de 68,74% no mesmo intervalo.

A esperança de retomada em dezembro

Com a agenda política esvaziada e a definição de temas importantes, como a PEC dos Precatórios e o Orçamento de 2022, além da volta das chuvas, que vem reabastecendo os reservatórios das usinas hidrelétricas, dezembro vem sendo um mês menos volátil do que os anteriores.

Ainda assim, o clima de aversão ao risco predominante no exterior tem contaminado a Bolsa brasileira. O tom negativo dos mercados internacionais é motivado pela mudança de postura dos principais bancos centrais do planeta, que vêm discutindo a retirada de estímulos e a elevação dos juros visando conter a alta da inflação.

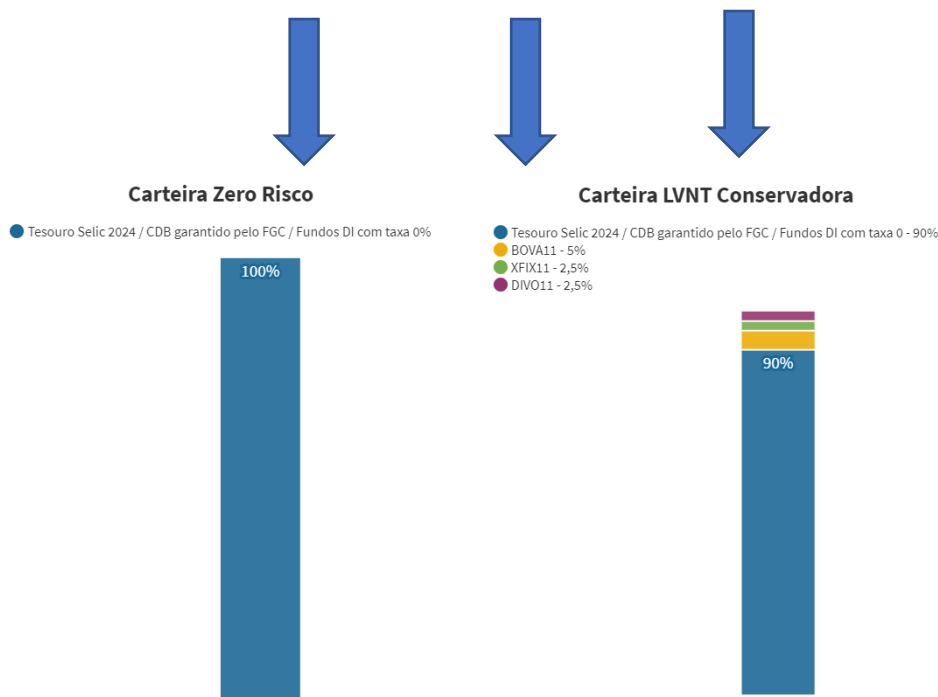
Conclusão

O ano de 2021 não foi gentil com os investidores brasileiros. Convicções foram testadas, estratégias tiveram de ser alteradas no meio do percurso e o clima de eleições foi antecipado em quase um ano, trazendo ainda mais volatilidade ao mercado. Ainda assim, quem soube aproveitar as oportunidades que se apresentaram no tempo certo, conseguiu ganhar dinheiro apesar do cenário macro caótico.

Para 2022, diante da conjuntura desafiadora que se apresenta, com as eleições prometendo chacoalhar o mercado durante a maior parte do ano, a situação não será diferente e demandará uma visão mais estratégica do investidor.

Entre riscos e oportunidades, é preciso selecionar os ativos que entrarão na sua carteira com cuidado, sabendo também quando entrar e quando sair de cada um deles.

Já conhece todas as carteiras LVNT?



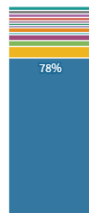
Carteira LVNT Moderada

- Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 85%
- BOVA11 - 5%
- XFIX11 - 2,5%
- DIVO11 - 2,5%
- ITSA4 - 1%
- TRPL4 - 1%
- HGLG11 - 1,5%
- KNRI11 - 1,5%



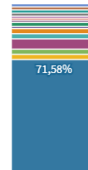
Carteira LVNT Arrojada

- Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 78%
- BOVA11 - 5%
- XFIX11 - 2,5%
- DIVO11 - 2,5%
- RAIZ4 1%
- VIA3 2%
- VALE3 1%
- ITSA4 - 1%
- TRPL4 - 1%
- XPML11 1,5%
- TEPP11 1,5%
- HGLG11 - 1,5%
- KNRI11 - 1,5%



Carteira LVNT Arrojada Plus

- Tesouro Selic 2024 / CDB garantido pelo FGC / Fundos DI com taxa 0 - 68%
- IVVB11 2,5%
- XINA11 2,5%
- BOVA11 - 5%
- XFIX11 - 2,5%
- DIVO11 - 2,5%
- RAIZ4 1%
- VIA3 2%
- VALE3 1%
- ITSA4 - 1%
- TRPL4 - 1%
- XPML11 1,5%
- TEPP11 1,5%
- HGLG11 - 1,5%
- KNRI11 - 1,5%



Por hoje é isso e até a próxima!

Felipe Bevilacqua.

DISCLAIMER

Este material foi elaborado exclusivamente pela Levante Ideias de Investimos e pelo analista Felipe Bevilacqua (sem qualquer participação do Grupo UOL) e tem como objetivo fornecer informações que possam auxiliar o investidor a tomar decisão de investimento, não constituindo qualquer tipo de oferta de valor mobiliário ou promessa de retorno financeiro e/ou isenção de risco. Os valores mobiliários, discutidos neste material, podem não ser adequados para todos os perfis de investidores que, antes de qualquer decisão, deverão realizar o processo de *suitability* para a identificação dos produtos adequados ao seu perfil de risco. Os investidores que desejem adquirir ou negociar os valores mobiliários cobertos por este material devem obter informações pertinentes para formar a sua própria decisão de investimento. A rentabilidade de produtos financeiros pode apresentar variações e seu preço pode aumentar ou diminuir, podendo resultar em significativas perdas patrimoniais. Os desempenhos anteriores não são indicativos de resultados futuros.